

322 AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE ESTOCAGEM DA VACINA CONTRA O SARAMPO NAS UNIDADES SANITÁRIAS DOS MUNICÍPIOS DE NITERÓI E SÃO GONÇALO, ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL. *Solange A. Oliveira, Akira Homma, Diana C. Mahul, Maria L.P. Loureiro e Léa Camillo-Coura* - Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias, Departamento de Medicina Clínica Universidade Federal de Fluminense e Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos - Bio-Manguinhos/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Com o objetivo de estudar as condições de estocagem da vacina contra o sarampo na rede de vacinação dos Municípios de Niterói e São Gonçalo RJ, 22 Unidades Sanitárias foram avaliadas de acordo com as normas técnicas específicas estabelecidas pelo Programa Nacional de Imunização. Observou-se que em 86,4% das Unidades visitadas os cuidados com os refrigeradores eram adequados ou regulares mas quanto à arrumação das vacinas no interior dos aparelhos e ao controle de temperatura, estes percentuais caíram para 60,0% e 54,5%, respectivamente. De todos os itens avaliados, o mais problemático foi o apoio técnico imediato frente a situações de emergência, apoio esse considerado insuficiente em 90,0% dos casos. Em 50,0% das amostras vacinais recolhidas das Unidades Sanitárias, os títulos estavam abaixo da potência mínima preconizada para tal produto no momento da aplicação. Tornou-se necessário então, que as condições de conservação e uso das vacinas sejam melhoradas evitando assim a formação de grupamentos de crianças suscetíveis à doença.

323 INCIDÊNCIA DE SARAMPO DIAGNOSTICADO NO HOSPITAL ESCOLA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA-MG, NO PERÍODO DE JANEIRO DE 1986 A JUNHO DE 1990. *F.A. Vinhal, N. Mattar, O.C. Mantese e J.R. Mineo* - Centro de Ciências Biomédicas, Universidade Federal Uberlândia.

Foram analisados, no período de janeiro de 1986 a junho de 1990, os prontuários de pacientes com diagnóstico de sarampo atendidos no Hospital Escola da Universidade Federal de Uberlândia.

Nos anos de 1986, 1987, 1988 e 1989 foram registrados, respectivamente, 23, 81, 5 e 210 casos. No primeiro semestre de 1990, observou-se a ocorrência de 148 casos. Em 1986, a faixa etária variou entre 9 meses e 29 anos, com média de 11 anos; em 1987, entre 7 meses e 25 anos, com média de 9 anos; em 1988, entre 1 e 14 anos, com média de 5 anos; em 1989, entre 3 meses e 42 anos, com média de 9 anos e 1990, entre 1 e 43 anos, com média de 10 anos.

Foi possível constatar que somente 143 (30,5%) dos 468 casos estudados tinham história de vacinação. Este parâmetro não apresentou variação estatisticamente significativa no período investigado, tendo apresentado os valores de 39,0% (1986), 35,8% (1987), 20,0% (1988), 29,0% (1989) e 29,0% (1990).

Estes dados demonstram que, apesar da vacina contra o sarampo fazer parte do Programa Nacional de Imunizações, a cobertura vacinal na amostra analisada esteve abaixo do valor obtido nível nacional que, em 1986, apresentava o valor de 65,5%.

Estudos devem ser feitos no sentido de detectar os fatores que contribuem para este quadro.

324 SURTO EPIDÊMICO DE RUBEOLA EM PEQUENA COMUNIDADE EM GOIÁS. *Aminadab Rodrigues Rodarte, Elisabeth Oliveira Santos, Sônia Regina de Almeida Santos e Joaquim Caetano de Almeida Netto* - IPTESP/UFMG; IE. Chagas; SUS/GO.

Relata-se um surto epidêmico de rubéola, ocorrido em pequena comunidade (805 hab.), distante 32km de Goiânia-Goiás.

O surto ocorreu no período de setembro a novembro/89, com aparecimento do caso índice em junho/89 e os últimos em março/90.

O diagnóstico clínico-laboratorial foi feito através de anamnese, exame físico e reações sorológicas (IH e ELISA). A amostra sorológica constituiu-se de 290 soros de doentes, de gestantes e contatos diretos, representando 36,02% da população geral. Os exames foram realizados pelo Laboratório de Virologia do Instituto Evandro Chagas em Belém.

Frente ao alto índice de positividade laboratorial para a rubéola 11,03% na fase aguda e 36,66% compatível com infecção recente, foi realizado o acompanhamento da população de 34 gestantes até janeiro/91, permitindo detectar 02 (5,88%) abortos espontâneos, 03 (8,82%) nascimentos prematuros e 29 (85,30%) a termo.

A avaliação clínico-pediátrica, realizada em 24 das 32 crianças mostrou alterações compatíveis com a síndrome de Rubéola Congênita em 6 (25%), das quais 3 (12,5%) com comprometimento auditivo, 2 (8,33%) neurológico e 1 (4,16%) cardíaco.

Diante da alta incidência de patologia teratogênica em crianças estudadas, e considerando que dentre as doenças de transmissão vertical, a Rubéola é a única que pode ser evitada mediante o uso de vacina em mulheres em idade procriativa, permitindo sua redução de forma espetacular

como já observada em outros países, questiona-se sobre a conveniência de implementar essa medida profilática de rotina, em nosso país.

325 PREVALENCIA DO HBsAg EM ALCOÓLATRAS NA CIDADE DE UBERLÂNDIA - MG. Luiz Carlos Marques de Oliveira, Cidamaia Aparecida Arantes e Claudia Lemos da Silva - Centro de Ciências Biomédicas, Universidade Federal Uberlândia.

Alguns trabalhos, em diversas regiões da Terra, têm mostrado uma incidência significativamente maior de HBsAg em alcoólatras com e sem hepatopatia, em relação a população não alcoólatra (Japão de 10% - Kunihiro 1977; Dinamarca 4% - Orholm, 1981, Rio de Janeiro 25% - Haddad, 1983; São Paulo 13% - Mincis e col, 1984). Isto provavelmente se deve a maior promiscuidade, maior probabilidade de acidentados, desnutrição e alterações imunitárias a que o alcoólatra está sujeito (Mincis M e col, 1984)

Com o objetivo de verificarmos a prevalência de HBsAg em alcoólatras na cidade de Uberlândia MG, avaliamos 55 pacientes atendidos no ambulatório de Alcoolismo, Serviço de Gastroenterologia (U.F.U.) no período de janeiro a dezembro de 1990. Eles tinham idade média de 40 ± 9 anos, baixas condições sócio-econômicas e uma ingestão etílica média total de 2.280 ± 1568 kg (média diária x 365 x no. de anos de alcoolismo). Todos eram do sexo masculino. Destes, 29% eram portadores de alguma forma de hepatopatia.

O HbsAg foi determinado pelo método ELISA.

Verificamos que a prevalência do HBsAg nos alcoólatras estudados, tanto naqueles com hepatopatia quanto naqueles sem, foi nula (zero), o que nos leva a chamar a atenção para as diferenças regionais, e destacar a possibilidade de uma prevalência baixa nesta comunidade.

326 PAPILOMAVIROSE EM HOMENS, DE UBERABA. Paulo César Escolano, Vinicius Nahime de Brito, Maria Aznif de Souza, Edwin A. Solorzano Castillo e José Tavares-Neto - Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias, Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro.

Dada a grande importância da relação existente entre a infecção pelo HPV (papilomavírus) e o aparecimento de lesões malignas no colo uterino, investigações nos parceiros das mulheres são recomendáveis. As lesões pelo HPV na genitália externa masculina podem ser de difícil visualização, por isto, duas técnicas foram usadas neste trabalho, além da ectoscopia - a coloração por ácido acético 5% e a com azul de toluidina a 1%, que colocam em evidência as lesões menores. Estas colorações estão sendo utilizadas em pacientes do Ambulatório Maria da Glória do Hospital-Escola, Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro.

Os pacientes foram divididos em três grupos:

- a) parceiros de mulheres com HPV (encaminhados para o ambulatório de doenças infecciosas e parasitárias pelo ambulatório da ginecologia);
- b) pacientes de outras clínicas com seleção aleatória;
- c) pacientes portadores de outras DST.

Os resultados foram os seguintes:

Grupo	Positivo(%)	Total
A	27 (79,4)	34
B	14 (46,6)	30
C	13 (52,0)	25

São enfocados também os aspectos sócio-culturais, bem como epidemiológicos e as dificuldades em se realizar esse trabalho.

327 EVIDENCIAÇÃO DA NUCLEOPROTEINA N DO VIRUS DA RAIVA NO CORAÇÃO. Konradin Metzke, Wolfgang Feiden e Alair Assis - Departamento de Anatomia Patológica/UNICAMP; Institut fur Neuropathologie der Universitat, Munchen, Alemanha; Centro de Controle de Zoonoses, Moji Guaçu-SP.

A literatura tem mostrado evidências indiretas da presença do vírus da raiva no coração de indivíduos infectados, mas uma prova direta da existência de proteínas específicas do vírus no tecido ainda não tinha sido descrita.

Examinamos 3 corações de pacientes falecidos de raiva e 5 corações de cachorros infectados e espontaneamente mortos. Tecido cardíaco fixado em formalina foi rotineiramente incluído em parafina. Empregamos um anticorpo aplicável em cortes de parafina contra um epítipo da nucleoproteína N do vírus da raiva (clone HAM, doado pelo Dr. A.Wandeler, Institut fur Veterinar-